

“COMO A GOTA DE ÁGUA QUE ENTRA NA ESPONJA” (EE. 335)

“Traer los sentidos”

Agustín Rivarola sj

“Aplicação dos sentidos” – modo de orar que integra a *corporeidade* na vida espiritual.

Os **“sentidos”** são tudo isso (corporais, espirituais, imaginativos, afetivos, psicológicos, mentais, memoriais, relacionais, artístico, ecológico...) e residem neste corpo personalizado e nesta pessoa corporalizada que somos todos os seres humanos, abertos ao mundo e capazes de Deus.

*“Os **sentidos** não são só portas entre nosso mundo interno e o mundo exterior, senão umbrais que abrem ao Trans-mundo que palpita no mundo e ao qual só se pode chegar através do mesmo mundo”* (Xavier Melloni, sj).

A bondade do **corpo** e seus sentidos não significa ingressar no “culto ao eu”, fechado no narcisismo egóico, tão próprio da cultura pós-moderna e das correntes da Nova Era.

Pelo contrário, o **corpo** garante a “autenticidade” da oração: assim como não há pessoa sem corpo, tampouco há oração cristã sem ele. O **corpo** é o que nos ancora no tempo e no espaço, isto é, na história, e a Salvação não se realiza senão na história.

É próprio do cristianismo que, pela **Encarnação** do Verbo, Deus mergulha na história humana tão a fundo e tão a sério que já nunca mais se separará dela: em Cristo, o **tempo** chega a ser uma dimensão de Deus. O específico da espiritualidade cristã é um encontro com o Deus que vem no tempo e na história, não à margem dela. Por isso, não há oração fora da ancoragem histórica própria do corpo.

“A espiritualidade cristã, ou é corporal ou não é espiritualidade; e o corpo, ou cresce em espiritualidade ou não verá, por agora, o amanhecer do Reino” (Garcia-Monge sj).

No entanto, este orar com o corpo supõe uma **sensibilidade** purificada (1ª. Semana).

É de suma importância captar a diferença entre **“sensibilidade”** (capacidade perceptiva e receptiva) e **“sensualidade”** (dependência do prazer que os objetos ou as pessoas nos proporcionam).

A **“sensibilidade”** é oblativa, expansiva... enquanto a **“sensualidade”** é centrada no próprio **ego** (busca de satisfações egoístas).

A partir da 2ª. Semana, a **sensibilidade** é evangelizada pelas contemplanções, repetições e aplicação de sentidos. É importante corrigir um detalhe: o mal uso do verbo **“aplicar”**, que Inácio nunca usa para falar deste modo de orar. No texto autógrafo do livro dos Exercícios se fala de **“traer los sentidos”** e **“el pasar de los sentidos”** (EE. 121) sobre o **mistério** contemplado durante o dia.

A tradução latina cunhou o termo **“aplicar”** e assim permaneceu.

Qual é a diferença? **“Aplicar”** evoca uma ação voluntária, como quem deve aplicar uma injeção ao enfermo ou uma fórmula matemática para resolver uma equação.

Por sua vez, **“traer-pasar”** são verbos que expressam uma ação mais passiva, suave e descansada (repousante), depois de uma jornada de exercícios. Fiel ao dinamismo dos **sentidos**, esta oração é a mais gratuita de todas, não deve ser forçada; é um repousar a própria **sensibilidade** sobre o mistério, já empapada por ele durante as contemplanções e repetições: *“como gota de água que entra na esponja”*.

Durante muito tempo pairou uma suspeita sobre este modo de orar, quando todo o imaginativo-sensível deu lugar ao exacerbamento da razão.

Também foi mal interpretado o no. 250 das Constituições da Companhia de Jesus que diz: *“Tenham todos especial cuidado em guardar de toda a desordem, com muita diligência, as portas dos sentidos...”*

S. Inácio pede que se guardem (cuidem) nossos sentidos da desordem, não pede guardá-los no baú.

Além disso, para ele a palavra **“desordem”** remete à ordem do Princípio e Fundamento, onde os **sentidos** são criados para com eles *“louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor”* (EE. 23).

A incorporação do **corpo** na oração padeceu da velha heresia, ainda latente na espiritualidade cristã, o **docetismo**, a qual afirmava que a matéria é radicalmente má e, portanto, é impossível que Deus, espírito puríssimo, se contamine realmente com ela. Segundo esta heresia, quanto mais livre a pessoa esteja do corpo e de seus sentidos, maior e melhor será a qualidade da oração.

Hoje sabemos que a capacidade sensorial do ser humano é uma só, inerente à intrínseca unidade corpo-espírito; então *“a aplicação dos sentidos, como qualquer outra atividade do indivíduo, deve ser in-terpretado tendo em conta a realidade unitária do ser humano. É o ser humano em sua totalidade: sentir, recordar, imaginar, pensar, querer... são capacidades de uma mesma pessoa”* (Manuel Alarcón).

Historicamente a “**aplicação dos sentidos**” tem caído em desuso. No entanto, isto vai contra à intenção de Inácio que nunca omite este modo de orar. Inclusive quando uma jornada de Exercícios é reduzida de 5 para 4 tempos de oração, suprime-se uma das repetições e não o último exercício de “aplicação de sentidos”. O **corpo** não é algo supérfluo para Inácio e não é a primeira vez que fala ao exercitante do uso dos **sentidos**, assim como também não será a última.

Eles já estão presentes na meditação do inferno (EE. 65), nas adições (4^a, 7^a e 9^a) e nas próprias contemplanções onde já se começa a utilizar os sentidos da visão e da audição; uma das matérias do 1^o modo de orar versa sobre os cinco sentidos expressamente corporais (EE. 247-248), sem omitir a profunda implicação da sensibilidade contida nas regras para ordenar-se no comer (EE. 210-217).

Certamente os **sentidos** são parte essencial da oração inaciana.

A “**aplicação de sentidos**” é “irmã” da **contemplanção**, uma prolongação natural em seu mesmo dinamismo. De fato, no texto se diferenciam para ensinar gradualmente ao exercitante o que – com o tempo e a prática – chegam a ser uma mesma coisa: é preciso olhar as pessoas, escutar o que dizem, gostar, tocar e apalpar as realidades concretas, perceber seus sentimentos... fundir-se, com todo o ser, naquilo que se refere a Jesus.

Como não podemos compreender a “**aplicação de sentidos**” sem ter captado as chaves de compreensão da **contemplanção**, podemos recordá-las brevemente. A contemplanção deve ser:

* **Gratuita**: sua eficácia é de outra ordem que a utilidade imediata (nos transforma sem que nos demos conta).

“O que em verdade ora, não sabe que ora” (Padres do deserto).

Contemplar é um estar ali, empapando-nos da pessoa de Jesus e suas circunstâncias.

Contemplar não é elocubração, nem especulação, nem moralismo, nem tomada de decisões, nem sequer auto-contemplanção.

* **Vivencial**: ao deixar de lado as reflexões (próprias da oração mental), a **contemplanção** move para as vivências que o Mistério suscita: abrimo-nos para perceber através dos sentidos e deixar-nos afetar pelo mistério ocorrido na humanidade de Jesus. Por isso é mais intuitiva, receptiva e unitiva.

* “**Como se presente me encontrasse**”: não sou espectador, estou imerso na cena e identificado com os personagens. Há proximidade e empatia, a ponto de poder dizer: *“eu estive ali”*.

* **Transformante**: quem contempla é uma pessoa concreta carregada de história. A **contemplanção** põe juntas as duas coisas: a pessoa e o mistério, prolongadamente, para que haja interação, sintonia, co-naturalidade e assimilação de uma por outra até que tenha lugar, enfim, a co-naturalidade do amor de Jesus à pessoa e esta se entregue sem reservas ao mistério d’Aquele, através de sua humanidade.

Deste modo, sem censuras nem inibições, a pessoa se deixa livremente afetar pela Palavra de Deus. O mistério de Cristo “acontece”, então, na contemplanção. A humanidade palpável de Cristo sempre impacta, configura e compromete sua própria humanidade.

Estas duas “irmãs”, **contemplanção** e “**aplicação dos sentidos**”, não podem ser entendidas sem a chave “**encarnatória**” inserida na petição que orienta toda a 2^a. Semana: *“conhecimento interno do Senhor, que por mim se fez homem, para que mais o ame e o siga”* (EE.104).

Ambos os modos de orar nos oferecem uma senda para apreender o mistério de Deus feito carne, a partir da mesma carne sensível no qual se revelou este mistério.

*“A **humanidade** de Jesus foi a linguagem pelo qual Deus se dirigiu à humanidade, mostrando-lhe o seu Filho e oferecendo-lhe o modo concreto e palpável da salvação”* (Arzubialde).

Ao contemplar e “**passar os sentidos**” pela humanidade de Jesus, opera-se uma assimilação transformante; *“somos transfigurados à sua própria imagem”* (2Cor. 3,18) pelo espontâneo canal dos **sentidos**, portas do conhecimento humano.

Uma assimilação gradual, como a digestão dos alimentos, desde os sentidos mais objetivos (olhar-escutar) até os mais próximos e unitivos (cheirar, tocar, saborear).

S. Inácio não possuía a linguagem apropriada para descrever uma experiência que hoje poderíamos chamar “**transformação da sensibilidade**”, mas certamente intui que não haverá mudança profunda no exercitante se o mistério de Cristo não consegue penetrar em sua sensibilidade, pela direta conexão que tem ela com o mundo dos afetos e dos desejos. Talvez seja esta uma das razões pela qual *“os Exercícios não nos transformam”*.

Hoje podemos explicar esta intuição inaciana: muito antes do “conhecimento abstrato da *razão*”, apreendemos a realidade por meio dos **sentidos**. De fato, ao atingirmos 6-7 anos (uso da razão), já captamos os principais registros de amor-ódio e aceitação-rejeição, a partir dos quais se constrói nossa estrutura psíquica.

Os *sentimentos, emoções e experiências* que forjaram nossa personalidade, se imprimiram em nós mediante os **sentidos** e deixaram sua marca no corpo, verdadeiro “disco rígido” que contém gravada nossa história. Por isso, se o exercitante quer empapar-se da sensibilidade de Jesus Cristo e deixar-se configurar por Ele, se quer alcançar o conhecimento interno que pede com insistência, necessariamente tem de ser tocado nesses registros fundantes, e a estes não se tem acesso senão pelos **sentidos**.

Dito de outra maneira: se queremos que Cristo se imprima em nós “na medula”, até os ossos, devemos “*passar*” sua Humanidade pelas mesmas vias que teve o corpo (nossa humanidade) para gravar tais experiências estruturantes.

Para ajudar a levar à prática este “*modo de orar*” e possibilitar que eu tome contato com o mundo dos meus sentidos, seria bom dedicar um tempo a este “exercício propedêutico”, que está implícito no Princípio e Fundamento:

- Tomar consciência que meu **corpo** é dom do Criador e, portanto, é algo bom. Deter-me na bondade de cada um de meus sentidos, mediante simples exercícios: ficar olhando uma paisagem da natureza, escutar o canto dos pássaros, sentir a fragrância das flores, caminhar descalço sobre a grama...
- Tomar o **1º. modo de orar** sobre os cinco sentidos corporais (EE. 247-248) com os seguintes passos:

1- Colocar-me na presença de Deus, “*considerando como Deus nosso Senhor me olha, me escuta, me toca com a mão, me beija...*”

2- Petição: pedir graça para conhecer meu equivocado uso dos sentidos e graça para restituir a eles o bom uso e melhor cuidar deles para maior glória e louvor de sua divina majestade. Pedir conhecimento do fim para o qual fui criado “*em meu corpo*”.

3- Considero cada um dos meus **sentidos**, detendo-me naquele em que mais ressonância ou necessidade encontro. E para evitar narcisismos, ponho os **sentidos** em referência à humanidade de Jesus. Convencido que Ele revela a cada um a plenitude do ser humano, meus sentidos são reorientados e configurados em referência ao corpo humano de Jesus.

Corpo, sensibilidade sadia, saída do “*próprio amor, querer e interesse*”: para que o contato com a pessoa de Jesus Cristo chegue a ser como o de uma esponja que se deixa empapar e até submergir na água.